

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**  
**CURSO DE JORNALISMO**

GIOVANA FAILLACE MOREIRA SANCHES

RELATÓRIO DA REPORTAGEM TRANSMÍDIA: A VIOLÊNCIA SEXUAL  
CONTRA MULHERES NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

São Paulo

2021

GIOVANA FAILLACE MOREIRA SANCHES

RELATÓRIO DA REPORTAGEM TRANSMÍDIA: A VIOLÊNCIA SEXUAL  
CONTRA MULHERES NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Denise Paiero

São Paulo

2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

## ACESSO AO PRODUTO ONLINE



**WIX**

<https://gifailface5.wixsite.com/website>

**Última Atualização: 22/11/2021**



**YOUTUBE**

<https://www.youtube.com/channel/UCNsKZy53lj17O-v9OJXpkwA>

**Última Atualização: 18/11/2021**



**INSTAGRAM**

<https://www.instagram.com/vsmuprojeto/>

**Última Atualização: 22/11/2021**



**FACEBOOK**

<https://www.facebook.com/vsmuprojeto>

**Última Atualização: 22/11/2021**

À minha mãe, por todo o apoio e amor que me deu ao longo dos anos e por ser a primeira mulher incrível que conheci.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família por me proporcionar momentos de carinho e conforto durante a construção desse trabalho.

À minha mãe e melhor amiga, Mara Regina, mulher que me inspirou a lutar pelo que acredito e que nunca largou a minha mão.

Ao meu namorado, Matheus de Vasconcelos, que se colocou à disposição para me ajudar no que fosse preciso e que me tranquilizou diversas vezes durante o processo.

À Minerva e Diana por deitarem no meu colo e ronronarem quando eu mais precisava descansar e pensava em desistir.

Ao meu pai, Mário Sanches, que olha por mim todos os dias, mesmo que eu não possa mais o ver.

À Profa. Dra. Denise Paiero que me encorajou e orientou esse trabalho com muito talento, me guiando para tomar as melhores escolhas possíveis e acreditando no potencial do projeto desde o começo.

À pesquisadora Milena Fernandes Barroso que contribuiu para a construção de uma reportagem mais inclusiva.

A todas as mulheres entrevistadas que confiaram em mim para contar suas histórias e compartilharam seus relatos para ajudar outras de nós.

O estupro seria nada mais, nada menos, que um processo consciente de intimidação pelo qual todos os homens mantêm todas as mulheres num estado de medo (Susan Browmiller em seu livro "Against Our Will" de 1975)

## RESUMO

Este relatório descreve o processo de produção de uma narrativa transmídia que discute a violência sexual contra mulheres nas universidades como mais uma forma de dominação patriarcal. A necessidade de falar sobre esse assunto veio da falta de abordagens midiáticas sobre o tema e de dados levantados sobre ele. O foco principal da narrativa foram os relatos de mulheres que foram violentadas em algum contexto que envolvia a universidade, o que humanizou o tema. Além disso foram utilizados dados sobre a violência sexual no Brasil no geral e dados mais específicos sobre essas violências em faculdades brasileiras. Para realizar o produto foi necessário estudar sobre a violência contra mulher e a dominação dos corpos femininos, assim como estudar sobre o formato de jornalismo online. Com esses estudos foram realizadas as entrevistas com personagens e especialistas e o site foi construído. O ambiente online é interativo e contém tanto a reportagem em si separada em quatro capítulos quanto vídeos de relatos e dados para consulta. Nesse relatório consta como foi a busca por fontes, as entrevistas, a construção da narrativa e dos produtos audiovisuais.

Palavras-Chave: Violência Sexual contra Mulheres. Violência na Universidade. Jornalismo Online. Narrativa Transmídia.



## **ABSTRACT**

This article characterizes the confection of a Crossmedia narrative which deliberates about sexual violence against women in the university environment as a mean of patriarchal domination. The matter of presenting this subject is related to it's lack of media visibility and the relevant data collected about the topic. Therefore, the narrative focus on reports by women victims of violence in university context, bringing a human aspect to the research. Furthermore, the product is based on data about sexual violence in Brazil and also data about how this violence occurs specifically in Brazilian universities. In order to create the crossmedia storytelling a study about the violence against women was made, as also related to the domination of the women's body and the online journalistic environment. Based on this data and studies, the interviews with the characters and experts were made and the website was built. The online environment is interactive and contains the news report divided into four chapters as well as videos of reports and data for reference. This article shows the means of searching for sources, interviews, construction of the narrative and audiovisual products.

**Keywords:** Sexual Violence against Women. Violence at the University Environment. Online Journalism. Crossmedia narrative.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
1.1 Da Cultura do Estupro às violências nas universidades .....	3
1.2 O jornalismo na internet e a narrativa transmídia como aliada .....	5
1.3 A entrevista de profundidade na construção da narrativa .....	6
1.4 O Jornalismo Literário e a humanização das pautas jornalísticas .....	7
<b>2 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA</b> .....	<b>9</b>
2.1 Pré-Produção .....	9
2.1.1 Concepção Inicial .....	9
2.1.2 Estilo e Linguagem da Peça .....	10
2.2 Produção .....	10
2.2.1 Fontes e Entrevistas .....	11
2.2.2 Providências de Produção .....	13
2.3 Pós-Produção .....	13
2.3.1 Organização Narrativa, Construção do Site e Redes Sociais .....	13
2.3.2 Planejamento Editorial .....	15
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>18</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

Este relatório descreve o processo de produção de uma narrativa transmídia sobre a violência sexual sofrida por mulheres dentro das universidades. Contextualizando o tema, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência sexual como “qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, ou tráfico ou qualquer outra forma, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção”. Essa violência não necessariamente indica alguma relação pré-estabelecida com a vítima, ou seja, o abusador pode fazer ou não parte da vida da pessoa abusada. Já segundo o Código Penal brasileiro, no que diz respeito aos crimes contra a liberdade sexual, o estupro consiste no ato de constranger alguém mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.

Em um estudo sobre as vítimas de violência sexual presente no Caderno de Saúde Pública de maio de 2013, é possível notar que apesar desse tipo de violência ser um fenômeno universal e não estar precisamente ligado a nenhuma característica específica como sexo, idade ou etnia, as mulheres são as principais vítimas desses casos e estão sujeitas a isso em todas as fases de suas vidas.

Dessa maneira, essa violência se torna um assunto de saúde e relevância pública. Essas ocorrências se dão nos mais diversos contextos, dentro ou fora de casa, e no ambiente universitário não é diferente. Em entrevista para a *Universa Uol* de 04 de abril de 2020, a advogada Marina Ganzarolli, uma das fundadoras da Rede Feminista de Juristas, afirma que a violência costuma ocorrer principalmente nos momentos de festas promovidas por repúblicas ou moradias estudantis e nos jogos universitários. As histórias seguem um padrão em que se mencionam barracas, caronas e atividades acadêmicas, envolvendo ou não álcool.

Segundo o *The Campus Sexual Assault (CSA) Study* realizado pelo Instituto Nacional de Justiça dos Estados Unidos entre 2005 e 2007, aproximadamente 20% das mulheres que se encontram no último ano da faculdade sofreram algum tipo de violência sexual no contexto universitário, sendo que, a maioria dos casos ocorre em um cenário de festas ou jogos com acesso a bebidas alcoólicas e ao consumo de drogas. A *Washington Post-Kaiser Family Foundation Survey*, uma

pesquisa sobre o assunto realizada em 2015 pelo jornal estadunidense The Washington Post, também traz resultados similares. De acordo com ela, 25% das universitárias já sofreram abusos sexuais durante seu período na universidade.

No entanto, apesar de comum, a violência nesses contextos é raramente mencionada pela mídia, o que ocorre normalmente em casos extremos ou que envolvam figuras públicas. Entre os motivos para isso se dão a falta de informação sobre o assunto, a falta de denúncias por parte das vítimas - muitas vezes essas não entendem que foram violentadas ou têm medo das consequências e do julgamento perante a sociedade em relação ao ocorrido - e a normalização de atos de abuso. Em um estudo intitulado de "Violência contra a mulher no ambiente universitário" feito em 2015 pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular e o Instituto Patrícia Galvão (organização sem fins lucrativos que atua na defesa dos direitos das mulheres), 27% dos homens entrevistados afirmam que se aproveitar de uma garota alcoolizada não é uma violência. 35% deles não reconhecem abuso no ato de coagir uma mulher a participar de atividades degradantes e 31% não veem problema em repassar fotos ou vídeos delas sem autorização.

Quanto as mulheres entrevistadas, 67% dizem ter sofrido algum tipo de violência cometida por um homem no ambiente universitário, seja ela sexual, psicológica, moral ou física. 56% já sofreram assédio sexual e 28% foram violentadas sexualmente no contexto de atividades universitárias.

Diante desses dados, a pergunta problema que guia este trabalho é: Como abordar, por meio de uma narrativa transmídia, o tema da violência sexual contra mulheres nas universidades?

Assim, o objetivo principal deste projeto foi construir uma narrativa transmídia que abordasse a violência sexual contra mulheres nos contextos universitários. Como objetivos secundários pretendeu-se realizar pesquisas prévias sobre tópicos ligados ao tema como as definições de violências, os dados sobre os abusos sexuais sofridos pelas mulheres e como eles se conectam com a vivência na universidade; entender o contexto em que essas violências costumam acontecer; trazer relatos de personagens que consigam representar o tema da forma mais

humana possível e abordar não somente os relatos de abusos mas as consequências e marcas psicológicas das vítimas.

O trabalho foi feito como uma narrativa transmídia para abordar o tema em toda a sua complexidade e atingir o público de maneiras diferentes, em consonância com o pensamento de Melinda McAdams (1995), responsável pelo projeto digital do Washington Post, que diz em seu artigo *Inventing an Online Newspaper*, que o jornalismo online oferece linguagens e recursos textuais e imagéticos que incrementam a produção e não caberiam nos modelos tradicionais de jornalismo.

Quanto ao interesse no tema da violência no ambiente universitário, este surgiu após ouvir diversos relatos de amigas próximas e conhecidas que tinham passado por essa experiência e perceber a magnitude que esses abusos tiveram em suas vidas. A partir disso, escolhi falar sobre esse assunto pela vontade de entendê-lo melhor e de poder dar visibilidade a mulheres violentadas e silenciadas.

Para realizar o trabalho foi feita uma pesquisa tanto sobre o produto como sobre o tema escolhido. Para falar sobre as narrativas transmídia utilizei como base conceitual o pesquisador Henry Jenkins (2009), bem como artigos específicos de especialistas em transmídia como João Canavilhas (2003) e Carolina Campalans (2012). Quanto ao tema, pesquisei dados sobre a violência e o abuso sexual sofrido pelas mulheres em sites oficiais, verifiquei as leis que abrangem esses crimes e procurei em matérias e estudos sobre a ocorrência desses abusos dentro do ambiente universitário.

De forma prática, entrevistei quatro personagens que mostraram de forma concreta e humana a vivência das vítimas de violência e uma pesquisadora especialista em violência contra mulher na universidade. Na hora das entrevistas com as personagens foi criado um espaço de livre discussão sobre o tema guiado por algumas perguntas básicas. Foi tido o cuidado de respeitar os limites de cada uma delas, a fim de abordar o tema com responsabilidade e sensibilidade.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 Da Cultura do Estupro às violências nas universidades**

Segundo a escritora e filósofa Marilena Chauí (2018), a cultura é a capacidade dos seres humanos de se relacionarem com o ausente através de símbolos. Assim, quando dizemos que determinada ação é cultural, a colocamos não somente como algo recorrente na sociedade, mas também como uma forma de agir e reagir maior do que a própria vontade individual, como um elemento de construção dessa própria sociedade. Dessa maneira, ao falarmos da "cultura do estupro" estamos nos referindo a uma prática social que normaliza e incentiva de forma enraizada o ato da violência sexual.

Analisando dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2020 que indicam que dentre os 66.123 casos notificados de estupro em 2019, 85,7% são de vítimas mulheres, é possível compreender que a construção dessa cultura é diretamente ligada às questões de gênero.

A diferença gritante dos abusos não é casual ou coincidência, ela vem da construção do patriarcado em cima da divisão e diferenciação dos corpos masculinos e femininos. Pierre Bourdieu afirmou em seu livro "A Dominação Masculina" (2002) que a própria separação dos corpos e a concepção do órgão sexual feminino como oposto e uma versão menos desenvolvida do órgão sexual masculino pode ser justificativa para a inferiorização da mulher na sociedade. O sexo seria, portanto, uma das principais formas de poder que os homens teriam em cima das mulheres, essas sendo frágeis, passivas e incapazes de entender o prazer sexual.

Quando partirmos dessa visão é possível entender como se constrói a noção de que a agressividade sexual masculina é normal. Com isso, fica claro o porquê de até 2009 o estupro ainda ser considerado um crime de ação privada contra os costumes. A violência sexual era considerada até então uma "agressão à sociedade por intermédio do corpo feminino. É como se o homem (pai ou marido) fosse tocado em sua integridade moral pela violência sexual vivenciada pela mulher". (MENICUCCI, 2005, apud CERQUEIRA, 2014, p.3)

Essa dominação e poder sobre os corpos femininos são responsáveis pela culpabilização da vítima e inocentação dos agressores até os dias atuais. Em razão desses pensamentos estima-se que apenas 10% dos casos de estupro são

notificados (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019). Desses, apenas 3% resultam em punição do criminoso.

Sendo a cultura do estupro tão presente, fica claro que ela não está restrita apenas em um ambiente específico, acontecendo também em lugares considerados seguros como a própria casa da vítima ou em lugares "protegidos" como universidades. Em uma matéria do G1 de 23 de agosto de 2014, a antropóloga Heloisa Buarque de Almeida afirma que a violência sexual no ambiente universitário é comum, mas que o número de denúncias ainda é baixo. Graças a construção de uma cultura que incentiva o comportamento predatório masculino, a maioria das vítimas escolhem se calar por medo de retaliação e julgamento. Além disso, por essa mentalidade fazer parte do dia a dia dessas mulheres, muitas delas se culpabilizam ou não entendem que foram abusadas.

## **1.2 O jornalismo na internet e a narrativa transmídia como aliada**

A técnica é um importante fator a ser discutido quando falamos sobre a construção do imaginário de uma sociedade. Além de seus aspectos óbvios ligados à produção, ela também define como enxergamos e interagimos com o mundo ao nosso redor, como representamos esse conhecimento e como transmitimos mensagens por meio da linguagem. (LÉVY, 1993 apud COSTA, 1998, p.2) Assim, podemos dizer que o jornalismo digital não se refere apenas a uma simples técnica ou forma de linguagem, mas a um modelo social que necessita cada dia mais de uma produção de conteúdo em determinados moldes. A cultura por trás desses novos meios de produção comunicacionais é a cultura da convergência. Esta, segundo Henry Jenkins (2006) é por definição o fluxo de conteúdo que ocorre através de diversas plataformas midiáticas que cooperam entre si e da migração da audiência para espaços que a permitam ter o máximo de experiências e informação possíveis.

Com isso, a internet ganha cada vez mais força pois sua capacidade informacional é ilimitada, visto que os consumidores passam a não ser apenas receptores das mensagens, mas também produtores de informação. A audiência dos conteúdos noticiosos se torna tecnologicamente fluente, com uma atenção diluída, exigindo uma interatividade e uma urgência não vista antes. (GRADIM, 2003 apud SOUSA, 2013, p.17).

Portanto, o Jornalismo na internet não é apenas aquele que é traduzido de outras mídias para o online, mas aquele que se utiliza de uma linguagem própria para criar o cenário mais adequado para esses novos tipos de consumidores que exigem outros padrões de leitura, imagem e áudio.

A introdução de diferentes elementos multimídia altera o processo de produção noticiosa e a forma de ler. Perante um obstáculo evidente, o hábito de uma prática de leitura linear, o jornalista tem de encontrar a melhor forma de levar o leitor a quebrar as regras de recepção que lhe foram impostas pelos meios existentes. O grande desafio feito ao webjornalismo é a procura de uma "linguagem amiga" que imponha a webnotícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objectividade. (CANAVILHAS, 2003, p.64).

Seguindo essa lógica, é possível perceber que a narrativa transmídia é uma das principais técnicas que possibilitam o alcance desse público dentro do jornalismo online. Por definição, a narrativa transmídia pode ser dita como aquela que relata uma mesma história em plataformas diferentes, sendo que o conteúdo de cada uma é único e diferente (VEGLIS, 2012, apud SOUSA, 2013, p.42). Assim, os mecanismos de cada uma das mídias podem ser utilizados da melhor maneira possível, complementando umas às outras. O webjornalismo ao possibilitar a navegação com links, ligando diferentes plataformas, e ao receber de forma instantânea o feedback do público, possibilita um bom uso da narrativa transmídia, trazendo maior contexto a história. Essa narrativa por sua vez, graças a sua versatilidade e interatividade conquista o novo consumidor de notícias dentro da cultura da convergência.

### **1.3 A entrevista de profundidade na construção da narrativa**

Para Nilson Lage, a entrevista é "o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo". É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos." (2001, p.32). Ao defini-la dessa maneira, o autor mostra sua importância no processo de construção da narrativa jornalística, um modo de conseguir construir e analisar informações a partir de dados e relatos.

Já quando falamos especificamente da entrevista em profundidade, descrevemos um método de conseguir respostas específicas sobre um tema através da experiência subjetiva de uma fonte (DUARTE, 2005, p.01). Dessa maneira, a



narrativa construída não depende exclusivamente do entrevistador ou do entrevistado, mas da capacidade de interação dos dois. O entrevistador precisa criar uma linha de pensamento para as perguntas de forma que ainda permita o livre pensamento do entrevistado, e deve, após o fim do relato, analisar e construir o texto amarrando a perspectiva da fonte e o tema abordado.

Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. (DUARTE, 2005, p.01)

A narrativa, quando construída a partir de histórias e relatos, como a entrevista em profundidade permite fazer, cumpre o seu papel de tecer o presente, como diz Cremilda Medina (2003). Segundo a autora, quando construímos uma narrativa produzimos sentidos, organizando o caos. Assim, sendo uma característica necessária da entrevista em profundidade a condição de ouvir o outro, o trabalho narrativo se dá de maneira dupla, novamente por meio da relação do jornalista e da fonte. O relato do entrevistado permeia por suas próprias experiências, convicções e sentimentos, dando espaço para a livre expressão de ideias, construindo uma narrativa pessoal. Já o jornalista constrói uma narrativa que perpassa o relato e dá uma visão mais ampla sobre o tema. Portanto, a proximidade, subjetividade e pessoalidade que a entrevista em profundidade permite, ocasiona na construção de uma narrativa que espelha o presente e dá margem para discussões ainda maiores.

#### **1.4 O Jornalismo Literário e a humanização das pautas jornalísticas**

Segundo John Pauly (2011, p.77) o jornalismo literário como o conhecemos nasce em meados do século XX nos Estados Unidos como uma forma de interpretar uma nova cultura que surgia e se distanciar de coberturas noticiosas que não se adequavam mais ao momento. Isso aconteceu, pois, as narrativas contadas pela grande mídia da época não acompanharam e não cobriram de forma completa questões como racismo, feminismo, ativismo, drogas e a liberação sexual que ganhavam força no país e no mundo. Assim, mesmo que outros jornalistas possam ter usado as técnicas literárias em algum momento anterior, foi entre

1960 e 1970 que nomes como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe transformaram o então chamado “New Journalism” em um verdadeiro movimento.

O jornalismo literário é um estilo de fazer reportagem que se utiliza de características da própria literatura para narrar fatos. Entre as ferramentas comuns que esse tipo de jornalismo usa para contar histórias estão a descrição detalhada dos espaços e dos personagens, a incorporação de diálogos, a emoção e até mesmo a subjetividade (GILLESPIE, 2012, apud TRINDADE; INÁCIO, 2017, p. 237).

Dessa forma, analisando o contexto em que surge, dando visibilidade a diferentes grupos, e usando de artifícios de linguagem que trazem a proximidade do leitor podemos afirmar que o jornalismo literário tem a capacidade de revelar aspectos sociais e representar grupos culturais marginalizados de uma forma mais respeitosa e completa do que o jornalismo tradicional. (CRAMER; MCDEVITT, 2004). Mesmo assim, é importante observar que ao utilizar da subjetividade de personagens e de situações para contar uma história, o jornalismo literário não altera fatos e, portanto, não foge dos objetivos do jornalismo de informar e transformar.

Na cultura jornalística, o termo atualidade tem a complexidade da própria vida. É de vida que se trata, e de todos os seus conflitos e contradições, quando, nos conteúdos jornalísticos, se fala dos acontecimentos significativos para as pessoas, isto é, dos fatos e atos, das falas e revelações imediata ou potencialmente desorganizativos ou reorganizativos, por seus efeitos imediatos na realidade vivida pelas pessoas. Enquanto atributo de definição do jornalismo, a atualidade tem, além da dimensão temporal, a dimensão da transformação. Os acontecimentos sem essa característica, que nada transformam, não interessam ao jornalismo, porque não interessam ao mundo. (CHAPARRO, 2000, p.297)

Portanto, se o jornalismo precisa considerar além da dimensão temporal e factual, a dimensão da transformação, o jornalismo literário, permite que isso aconteça com mais facilidade já que leva para o receptor os fatos de forma mais agradável e convincente, humanizando as pautas. Dessa maneira, ele cumpre seu objetivo incentivando o interesse do público nos assuntos noticiados e estimulando uma ação transformadora por parte de quem recebe a mensagem. (GILLESPIE, 2012, apud TRINDADE; INÁCIO, 2017, p. 237)

## **2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

### **2.1 Pré-Produção**

#### **2.1.1 Concepção Inicial**

Sempre tive o interesse em falar sobre feminismo no meu trabalho de conclusão de curso. Desde que me descobri feminista no início do ensino médio, discutir sobre os direitos das mulheres é uma prioridade na minha vida. Assim, sempre levei para os meus trabalhos, tanto na escola quanto na faculdade, perspectivas femininas e pautas feministas. Minha primeira reportagem na universidade para a matéria de Prática Jornalística foi sobre as mulheres no mundo da programação. Para o Jornal Acontece falei sobre o ativismo feminista atualmente e no contexto da luta anti bolsonaro em 2018. Participei da Oficina de Gênero ministrada pela Professora Dra. Mirtes de Moraes por três semestres seguidos e passei a ler cada vez mais artigos e livros relacionados ao feminismo. Foi nesse contexto também que criei coragem para ir em manifestações e desenvolver mais a minha militância de forma prática. Desde então na minha jornada na universidade produzi crônicas, reportagens e campanhas de marketing voltadas para os desejos, necessidades e direitos das mulheres.

No início de 2020 uma hashtag chamada #ExposedSãoPaulo foi criada no twitter. A ideia era compartilhar relatos de violências que mulheres tinham sofrido na cidade. Compartilhei um relato sobre um abuso que sofri em uma festa no ensino médio. Assim como eu, diversas amigas, colegas e desconhecidas compartilharam experiências e trocaram mensagens de apoio. Me surpreendi com a quantidade de violências e abusos sexuais que tomaram lugar em ambientes universitários como repúblicas, festas, jogos e até dentro do próprio campus. Tive certeza do meu tema no sexto semestre do curso, com a matéria de Projetos em Jornalismo.

Inicialmente minha ideia era falar sobre as violências sexuais dentro das festas universitárias. No entanto, por conta da pandemia e a consequente proibição de eventos, a apuração tornou-se muito complicada e difícil. Além disso, a busca por fontes ficou ainda mais restrita. Dessa maneira o enfoque saiu das festas universitárias para o contexto universitário no geral, ou seja, qualquer espaço de

vivência em grupo que envolviam as universidades, fossem repúblicas, campus, formaturas, jogos, a sala de aula, etc.

Desde o primeiro momento quis fazer uma narrativa transmídia que utilizasse ferramentas audiovisuais para abordar esse tema que é tão complexo e necessário de forma ampla, mas utilizando uma linguagem cuidadosa, descomplicada e empática.

### **2.1.2 Estilo e Linguagem da Peça**

Para a especialista em comunicação e novas tecnologias Anabela Gradim em seu artigo O jornalista multimídia do século XXI (2003), um dos principais desafios na construção noticiosa atual é prender a audiência que se torna cada vez mais fluente tecnologicamente e exige conteúdos mais interativos e dinâmicos para prender sua atenção. Assim, meu produto se utiliza de diferentes tipos de mídia como texto, fotos, vídeos e infográficos, criando um fluxo de informação que se expande para além de seus respectivos meios. Essa combinação cria um formato não linear e não redundante, o que aumenta as possibilidades de caminhos a serem seguidos pelo leitor. A interação permitida pelo formato me permite ter um feedback dessa audiência dinâmica dita anteriormente e possibilita uma maior profundidade no conteúdo.

Seguindo a definição de transmidialidade dita por Veglis (2012), que dita o ato de contar uma mesma história com diferentes recursos, usei das ferramentas acima para retratar a violência sexual sofrida por mulheres no contexto universitário com diferentes linguagens, criando um conteúdo diferente para cada meio. Dessa maneira, cada produção, seja ela em vídeo, texto ou infográfico é independente, mas também complementar. Essa técnica é, assim como o tema, complexa, mas necessária. Através da narrativa transmídia criada consigo atingir o novo tipo de leitor, que enxerga e interage com o conteúdo de forma única, se guiando pelas próprias vontades, além do óbvio que é oferecido pela mídia que aloca esse conteúdo. Dessa maneira, o online faz com que meu produto se adeque melhor a essa linguagem amiga exigida pelos consumidores (CANAVILHAS, 2003, P.64), trazendo mais contexto para um tema que precisa ser conhecido e explorado de diversos ângulos, como a transmidialidade permite.

## **2.2 Produção**

### 2.2.1 Fontes e Entrevistas

Para uma melhor realização do produto, trouxe dois tipos de fontes diferentes para o meu trabalho. O primeiro tipo foi a fonte especialista, que trouxe uma opinião profissional sobre o tema. Entrevistei três especialistas. Milena Barroso, pesquisadora feminista e especialista em violência na universidade; Prislaine Krodi dos Santos, psicóloga do USP Mulheres e Tatiana Costa assistente social especializada em atendimento a mulheres violentadas. As três fontes serviram para que eu entendesse melhor o assunto a partir de uma visão mais pessoal e prática, entendendo os limites da legislação quanto ao atendimento de mulheres violentadas, o acolhimento das universidades às vítimas e as consequências psicológicas que o abuso pode ter na vida delas.

No entanto, apesar de as três fontes terem me ajudado na busca de personagens e de guiarem o meu trabalho na medida que por meio delas entendi a melhor maneira de conversar com as vítimas, apenas Milena permitiu que eu usasse sua fala na reportagem. Sua experiência e pesquisa trouxe credibilidade à narrativa em dois aspectos diferentes. A primeira em sua vivência como pesquisadora que conseguiu estabelecer os parâmetros de como os casos de violência contra a mulher são tratados no âmbito judicial - vide os dados colocados anteriormente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública que estima que apenas 10% dos casos de estupro são notificados e desses, apenas 3% resultam em punição do criminoso - e na universidade; e na segunda com a sua experiência como assistente social, dando base para as consequências mentais do trauma nas vítimas, legitimando a gravidade do tema e dos relatos.

Vale ressaltar que como o foco do trabalho é a violência com as mulheres, foi importante que as especialistas também fossem do sexo feminino para estabelecer um padrão de confiança e sororidade em toda a narrativa.

O segundo tipo de fonte do produto são as personagens. Elas são o principal foco da narrativa. Ao todo foram entrevistadas quatro fontes que passaram por diferentes tipos de abuso sexual no contexto universitário. As vítimas tiveram papel fundamental na construção da narrativa pois foi através de suas experiências, percepções, sentimentos e relatos que foi criado o fluxo da história. A ideia de trazer personagens reais para o produto veio da necessidade de

entender que o tema não está longe do público, mas que ele se materializa em pessoas comuns e tem impacto importante na vida dessas mulheres.

Foi importante que essas mulheres tivessem passado por diferentes experiências a fim de mostrar a gradação da violência sexual, desde o assédio até o estupro em si. Todas as fontes também vinham de diferentes lugares e tinham condições econômicas, familiares e estruturais distintas. Assim, nessas diferenças as personagens mostram que o incentivo ao comportamento predatório masculino é um problema social que afeta diariamente mulheres reais, em toda a sua pluralidade.

Por se tratar de um tema tão denso e com um grande impacto psicológico, a busca por personagens foi difícil. Muitas amigas que já haviam passado por experiências que se enquadrariam no trabalho não estavam dispostas a falar sobre o assunto. Com a pandemia não foi fácil fazer novos contatos, principalmente para falar sobre esse tema delicado. As personagens foram encontradas aos poucos, por indicações de colegas e pesquisas na internet e a última entrevista foi feita no fim de agosto deste ano.

No entanto, a busca pelas fontes não foi o mais difícil na hora da apuração. O principal desafio foi, na verdade, como realizar as entrevistas de forma ao mesmo tempo profissional, imparcial, mas com a humanidade e respeito que essas mulheres merecem. Assim, a melhor forma que encontrei de fazer isso foi utilizar a técnica descrita por Duarte (2005) sobre a entrevista de profundidade que, basicamente, consiste em criar um espaço de fala livre para o entrevistado, deixando que ele siga o seu próprio ritmo de construção de pensamento.

Por meu trabalho abordar um assunto de apelo emocional muito grande, colocar essa técnica em prática foi essencial para fazer com que as personagens se sentissem à vontade para falar sobre seus traumas, sentimentos e experiências com o tema. O intuito foi usar as perguntas apenas como um guia para mim mesma, criando uma proximidade com as fontes, respeitando o tempo de cada uma.

As entrevistas foram realizadas via Zoom, mais uma vez por causa da pandemia. Inicialmente houve um medo de que isso dificultasse a conexão com as personagens, mas, na prática, a ferramenta serviu para que elas se sentissem

mais confortáveis para conversar e para que eu conseguisse criar uma relação de confiança com cada uma das entrevistadas, conseguindo relatos mais verdadeiros.

Conforme a técnica de Duarte, a observação também foi essencial na construção da história. As informações foram montadas ligando diferentes pontos e analisando além do fato em si, mas também o background de cada uma dessas fontes, suas formas de falar, agir, trejeitos etc. Esses detalhes aparentemente simples, humanizaram as vítimas e transformam o assunto em algo além de um simples fato, mas em parte importante da história e construção da nossa sociedade. Assim, a proximidade e pessoalidade que a entrevista permitiu, foi uma forma de espelhar o presente e abrir discussões importantes.

### **2.2.2 Providências de Produção**

Com a pandemia, as entrevistas foram feitas pela internet e não precisaram ser registradas com nenhum equipamento específico.

Os artigos e livros utilizados foram lidos gratuitamente pela internet.

O design do site e das redes sociais assim como a produção e edição dos vídeos foram feitos por mim.

Assim, não houve, portanto, nenhum custo de pré ou pós-produção na construção do produto.

## **2.3 Pós-Produção**

### **2.3.1 Organização Narrativa, Construção do Site e Redes Sociais**

Para a construção da narrativa transmídia o meu produto foi vinculado de forma principal em um site da plataforma Wix. Foram misturados diferentes elementos dentro da reportagem, como texto escrito, vídeos, fotos e infográficos. O modelo não adotou uma rolagem infinita para que não se tornasse maçante para o leitor que não tem tempo ou vontade de consumir um conteúdo mais extenso. Dentro da plataforma temos diferentes páginas fazendo um recorte do tema, assim, o leitor pode tanto interagir com o próprio site por meio de links, como voltar de forma mais prática para a parte da narrativa em que parou de ler da última vez.

O nome dado ao site é VSMU, uma forma de abreviar "Violência Sexual contra Mulheres na Universidade" e de facilitar o reconhecimento do projeto. Ele é dividido em cinco páginas principais, sendo elas: "Início", "Reportagem", "Relatos", "Dados" e "Sobre".

Na página "Início" há uma prévia de cada uma das outras páginas, vinculadas aos respectivos links de cada uma junto com um texto que resume o projeto. Nela também é possível encontrar o link para as redes sociais.

A página "Reportagem" é subdividida em quatro partes chamadas de capítulos. Essa divisão foi feita para facilitar a leitura do texto, que é extenso, e dinamizar o processo. O foco de toda a narrativa são as personagens e suas histórias e cada capítulo dá ênfase a uma delas. O texto mescla os relatos com os dados apresentados a fim de trazer ao mesmo tempo a importância do tema com números de impacto e a visão de que por trás desses números há mulheres reais, cheias de singularidades.

É importante frisar que, apesar de todos os relatos serem reais, identificou-se pela vontade das fontes a necessidade de mudar os nomes das personagens para manter suas reais identidades preservadas. Assim, também não há nenhuma foto delas em todo o produto. Ao invés disso, para ilustrar o site, os capítulos e os vídeos, foram utilizadas obras de arte que retratam a violência sexual contra mulheres e refletem a dominação dos corpos femininos. Essas obras são em maioria baseadas em acontecimentos reais da história em que o estupro e o abuso de mulheres foram usados como arma política.

A Reportagem intitulada de "A violência sexual contra mulheres como forma de dominação nas universidades" é dividida nos seguintes capítulos: "Terror de Formatura" que conta a história de Letícia, (na vida real Laura Mazzoni) uma mulher assediada em sua festa de formatura; "Quando Estar Sozinha é Perigoso" que conta a história de Carolina, (na vida real Camila Antão) uma mulher abusada em uma festa universitária; "Reputação" que conta a história de Rita, (na vida real Raissa Lima) uma mulher que teve suas fotos íntimas vazadas em um grupo da faculdade; e "Sexualidade como Arma" que conta a história de Luana, (na vida real Laura Casaretti) uma mulher estuprada em um evento esportivo universitário.



A próxima página do site é "Relatos". Nela é possível encontrar quatro vídeos, um para cada personagem da narrativa. Como dito anteriormente, foi necessário manter a identidade das vítimas preservadas, portanto, os vídeos são ilustrados com as obras de artes que encontramos por todo o site e as vozes que contam os relatos não são das reais vítimas, mas de colegas que se dispuseram a ler as histórias das personagens. Os vídeos começam e terminam da mesma maneira, para que possam ser vistos separadamente.

A seguir temos a página "Dados" que reúne, tanto em vídeo quanto em infográficos, os dados mais expressivos que foram levantados na construção da reportagem. Todos os vídeos, tanto os de relatos quanto o de dados podem ser vistos fora do site no canal do youtube "VSMU Projeto". Ao todo, os vídeos somam 10 minutos e 40 segundos.

Por fim, a página "Sobre" conta sobre a iniciativa do projeto. A construção e navegabilidade do site é feita para dar mais destaque aos textos e ilustrações mais impactantes, sempre mantendo o bom senso e fugindo do sensacionalismo.

Complementando a narrativa do site e utilizando das ferramentas transmídia, o projeto também conta com uma página no instagram (@vsmuprojeto) e no facebook (@vsmuprojeto). Ambas as páginas contêm os mesmos posts (atualmente 12 no total) que perpassam pelos principais assuntos, conceitos e relatos que se encontram nos capítulos do site. Dessa maneira, forma-se uma teia de conteúdo que se entrelaça e complementa, podendo ser vista em parte, mas com sentido no todo.

### **2.3.2 Planejamento Editorial**

A peça foi veiculada em um site próprio para conseguir criar uma identidade visual e narrativa específica do tema. Apesar de acreditar que existam veículos interessantes em que a narrativa poderia ser publicada como o The Intercept e o UOL Tab, ao criar uma plataforma específica consegui expandir mais a ideia da transmidialidade e explorar o tema de forma mais ampla do que em uma reportagem de rolagem única.

Não há um público-alvo específico para o produto, mas acredito que grande parte dos interessados pelo tema são mulheres por se identificarem com a problemática

e quererem entender as experiências uma das outras. No entanto, espero alcançar um público masculino para que eles entendam que o problema é social e que eles necessitam fazer parte da mudança.

Com as páginas nas redes sociais será possível dar continuidade ao projeto para além do trabalho de conclusão do curso, recebendo um feedback rápido do público, corrigindo erros de narrativa e abordagem, adaptando a linguagem e dando espaço para mais mulheres exporem suas experiências.

O site é divulgado nos posts de cada rede e, para além disso, também será compartilhado em grupos e páginas feministas no instagram e facebook, para que alcance um público ainda maior.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando decidi qual seria meu tema do Trabalho de Conclusão do Curso fiquei orgulhosa. Meu objetivo pessoal era fazer algo grandioso e de impacto. No entanto, ao longo do processo me arrependi diversas vezes da minha escolha. Com a pandemia, a busca por fontes foi muito difícil, e um tema que já era por si só pesadoso se tornou ainda mais complicado. A minha saúde mental e a de todas as minhas fontes estavam completamente abaladas pela reviravolta do mundo. Mesmo assim, no fundo, sempre soube que o que eu mais queria era dar visibilidade e acolhimento a mulheres, e foi isso que me manteve focada na construção deste trabalho.

Ao longo da pesquisa obtive dificuldade em encontrar artigos e dados que falassem sobre a violência sexual contra mulheres na universidade, principalmente em português, o que me mostrou ainda mais a necessidade de falar sobre o assunto, com a pouca visibilidade que ele tinha na mídia. Foi possível perceber também o quão atrasado o Brasil está em relação a esse tema comparado com outros países como Estados Unidos e Inglaterra, dos quais consegui achar dados com muito mais facilidade.

Na construção da narrativa a minha maior preocupação foi em abordar o tema de forma acessível, mas não simplória, com profissionalismo e humanidade ao mesmo tempo. Ao longo do tempo de faculdade aprendi muito sobre a necessidade de imparcialidade e distanciamento dos temas que nós como

jornalistas devemos abordar e percebi que esse seria um grande desafio na produção dessa reportagem.

No entanto, com o processo entendi que uma visão completamente imparcial ao tema não agregaria no meu trabalho. Como mulher e feminista não poderia falar sobre a violência que minhas companheiras sofreram de forma totalmente objetiva. Foi uma escolha não falar com homens violentadores, nem com especialistas do sexo masculino. É possível notar ao longo da reportagem, mesmo que de forma sutil meu posicionamento feminista e meu repúdio aos abusos que as personagens sofreram. Acredito fielmente que isso não tornou a narrativa menos profissional, jornalística ou séria, nem alterou nenhum fato, dado ou teoria descrita na reportagem.

Escolhi também fazer todo o processo sozinha, incluindo a parte de design e edição, que não são minha zona de conforto. Foi também uma escolha fazer com que o design tivesse o rosa. Embora pareça óbvio e estereotipado, essa escolha vem de um lugar muito pessoal. Fiz as pazes com o rosa há pouco tempo, depois de anos negando algo que me parecia "feminino demais". Entendi por fim que o rosa, assim como qualquer coisa que a sociedade sempre disse ser destinada para a mulher, pode sim ser resistência quando usado com orgulho.

Acreditei inicialmente que as entrevistas me abalariam por completo. No entanto, por mais desafiador que tenham sido no sentido jornalístico e na minha busca de manter as fontes o mais confortável possível, a escrita do texto foi sem dúvida entre todos os processos o mais doloroso. Reler várias vezes como aquelas mulheres foram machucadas foi desconfortável, mas necessário.

Em um ano e meio desenvolvendo o trabalho foram os últimos meses em que "entrei de cabeça" na produção do produto que realmente entendi do que estava falando e para quem. Revi meu propósito que, no fim, sempre foi o mesmo, ajudar outras mulheres.

Por fim, percebi que para abordar o tema da violência sexual contra mulheres na universidade por meio de uma narrativa transmídia precisava humanizar a pauta, a linguagem e trazer profundidade para cada um dos meios escolhidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALZAMORA, Geane; TARCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 22-35, 30 jun. 2012. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v8n1.2012.401>. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401>. Acesso em: 11 set. 2020.

ANA CAROLINA MORENO. G1. **Violência sexual é mais comum em festas e trotes, diz professora da USP**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/08/violencia-sexual-e-mais-comum-em-festas-e-trotes-diz-professora-da-usp.html>. Acesso em: 03 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1929205/mod\\_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20P.%20A%20Domina%C3%A7%C3%A3o%20Masculina%20%28completo%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1929205/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20P.%20A%20Domina%C3%A7%C3%A3o%20Masculina%20%28completo%29.pdf). Acesso em: 03 out. 2020.

BRASIL. Samira Bueno. Fórum Brasileiro de Segurança Pública (org.). Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2019. 13. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

BRASIL. Samira Bueno. Fórum Brasileiro de Segurança Pública (org.). Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2020. 14. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf> Acesso em: 20 set. 2021.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Considerações gerais sobre jornalismo na web. 2003. Disponível em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4358/1/CAP%C3%8DTULO\\_WebjornalismoConsidera%C3%A7%C3%B5esgerais.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4358/1/CAP%C3%8DTULO_WebjornalismoConsidera%C3%A7%C3%B5esgerais.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.

CASO Prior repete padrão de estupro em festas universitárias, diz advogada. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/04/estupros-em-festas-universitarias-padroes-se-repetem.htm>. Acesso em: 04 set. 2020.

Christopher Krebs. **The Campus Sexual Assault (CSA) Study**. 2007. Disponível em: <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/221153.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

CHAPARRO, Manuel Carlos. O Acontecimento como Discurso. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 295-304, jan. 2000. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/859>. Acesso em: 19 nov. 2021.

COSTA, Carlos Irineu da. Prefácio. In: LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 2. Disponível em: <https://www.mozo.pt/tesp/livros/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Inteligencia.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

CRAMER, Janet; MCDEVITT, Michael. Ethnographic Journalism. **Communication Research Trends**, Mahwah, v. 26, n. 1, p. 127-144, 4 abr. 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/265357598\\_Ethnographic\\_Journalism](https://www.researchgate.net/publication/265357598_Ethnographic_Journalism). Acesso em: 19 nov. 2021.

Daniel Cerqueira. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da saúde (versão preliminar)**. Brasília: Ipea, 2014. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140327\\_notatecnicadiest11.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf). Acesso em: 03 out. 2020.

DENA, Christy. **Transmedia Practice: Theorising the Practice of Expressing a Fictional World across Distinct Media and Environments**. 2009. 372 f. Tese (Doutorado) - Curso de Digital Cultures Program, Department Of Media And Communications, University Of Sydney, Sydney, 2009. Disponível em: [https://ciret-transdisciplinarity.org/biblio/biblio\\_pdf/Christy\\_DeanTransm.pdf](https://ciret-transdisciplinarity.org/biblio/biblio_pdf/Christy_DeanTransm.pdf). Acesso em: 11 set. 2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em Profundidade**. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3654Nsd> Acesso em: 10 out. 2020.

ESCRITOS de Marilena Chaui | O que é cultura?. [S.l]: Grupo Autêntica, 2018. Youtube, son., color. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YQcFNoiDMw&ab\\_channel=GrupoAut%C3%AAntica](https://www.youtube.com/watch?v=YQcFNoiDMw&ab_channel=GrupoAut%C3%AAntica). Acesso em: 03 out. 2020.

FACURI, Cláudia de Oliveira; FERNANDES, Arlete Maria dos Santos; OLIVEIRA, Karina Diniz; ANDRADE, Tiago dos Santos; AZEVEDO, Renata Cruz Soares de. Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no estado de são paulo, brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 29, n. 5, p. 889-898, maio 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2013000500008>. Disponível em: [https://assets-compromissoeatitude-ipc.sfo2.digitaloceanspaces.com/2013/11/CLAUDIAFACURIETAL\\_CAISM2013\\_artigovienciasexual.pdf](https://assets-compromissoeatitude-ipc.sfo2.digitaloceanspaces.com/2013/11/CLAUDIAFACURIETAL_CAISM2013_artigovienciasexual.pdf). Acesso em: 11 set. 2020.

GRADIM, A. (2003). **O jornalista multimédia do século XXI**. In: Fidalgo, A. & Serra, P. (Org.). **Jornalismo Online. Informação e Comunicação Online**. Volume I. Covilhã: Universidade da Beira Interior, pp.117-134.

JASON M. LINDO (Germany). The Institute For The Study Of Labor. **College Party Culture and Sexual Assault**. Bonn: Iza, 2016. 42 p. Disponível em: <http://ftp.iza.org/dp9700.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: where old and new media collide**. New York: New York University Press, 2006. Disponível em:

<https://www.hse.ru/data/2016/03/15/1127638366/Henry%20Jenkins%20Convergence%20culture%20where%20old%20and%20new%20media%20collide%20%202006.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009. 432 p.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Florianópolis: Record, 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

MARTÍN, María. **Agressões sexuais envergonham a melhor universidade do Brasil**. 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/06/politica/1423258015\\_581946.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/06/politica/1423258015_581946.html). Acesso em: 04 set. 2020.

MARTIRE, Gabriel *et al.* Que Festa é essa: violências em contextos de festas universitárias. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 12., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...] .** Rio de Janeiro: Inovarse, 2016. p. 1-22. Disponível em: [https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16\\_033.pdf](https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_033.pdf). Acesso em: 04 set. 2020.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=BN0Qcnjqc4C&oi=fnd&pg=PA9&dq=cremilda+medina+narrativa&ots=U2BW7wlyYFP&sig=bqv5w6OOAyUZje-DvVvpu7R8ShY#v=snippet&q=cremilda%20medina%20narrativa&f=false>. Acesso em: 10 out. 2020.

MÍRIAM ESCAVONE (Brasil). Instituto Avon/data Popular (comp.). **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. São Paulo: Instituto Avon/data Popular, 2015. 7 p. Disponível em: [http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon\\_V9\\_FINAL\\_Bx20151.pdf](http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf). Acesso em: 04 set. 2020.

MONCADA, Carolina Eugenia Campalans; RENÓ, Denis; GOSCIOLA, Vicente. **Narrativas transmedia: Entre teorías y prácticas**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012. 252 p.

MURAD, Angèle. **Oportunidades e desafios para o Jornalismo na internet**. 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36749/21324>. Acesso em: 21 set. 2020.

NICK ANDERSON. The Washington Post. **College Sexual Assault: 1 in 5 college women say they were violated**. 1 in 5 college women say they were violated. 2015. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/sf/local/2015/06/12/1-in-5-women-say-they-were-violated/?utm\\_term=.3a2aa38464ba](https://www.washingtonpost.com/sf/local/2015/06/12/1-in-5-women-say-they-were-violated/?utm_term=.3a2aa38464ba). Acesso em: 21 set. 2020.

PAULY, John J.. Literary Journalism and the Drama of Civic Life. **Communication, College Of Publications**, Brussels, v. 3, n. 2, p. 73-82, maio 2011. Disponível em: [https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1117&context=comm\\_fac](https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1117&context=comm_fac). Acesso em: 19 nov. 2021.

SOUSA, Jorge Emanuel da Costa Bento. **Convergência Jornalística**: o caso das reportagens visão Portugal. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/m-jornalismo-2013-jorge-sousa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020

TRINDADE, Alice; INÁCIO, Rita. Jornalismo literário, direitos humanos e integração: um caso português. **Cuadernos.Info**, Lisboa, n. 40, p. 235-249, 14 jun. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/317608746\\_Jornalismo\\_literario\\_direitos\\_humanos\\_e\\_integracao\\_um\\_caso\\_portugues/fulltext/59431e1faca2722db499d1b0/Jornalismo-literario-direitos-humanos-e-integracao-um-caso-portugues.pdf](https://www.researchgate.net/publication/317608746_Jornalismo_literario_direitos_humanos_e_integracao_um_caso_portugues/fulltext/59431e1faca2722db499d1b0/Jornalismo-literario-direitos-humanos-e-integracao-um-caso-portugues.pdf). Acesso em: 19 nov. 2021.

## APÊNDICES

### Apêndice I - Autorização de uso de imagem - Camila Christine dos Santos Antão



#### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, CAMILA CHRISTINE DOS SANTOS ANTÃO, portadora do RG Nº 37.653.809-0 e CPF Nº 442.572.068-70 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 24 de março de 2021.

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



## Apêndice II - Autorização de uso de imagem - Laura Casaretti



## AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, LAURA CASARETTI, portador do RG Nº 38.182.034-3 e CPF Nº 343.251.178-73, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 13 de 08 de 2021.

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Apêndice III - Autorização de uso de imagem - Laura Nascimento Mazzoni



**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO**

Eu, LAURA NASCIMENTO MAZZONI, portador do RG Nº 37.290.176-1 e CPF Nº 363.140.588-05, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 25 de março de 2021.

*Laura Mazzoni*

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Apêndice IV - Autorização de uso de imagem - Milena Fernandes Barroso



**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE ÁUDIO**

Eu, MILENA FERNANDES BARROSO, portador do RG N° 2002005006870 SSP-CE, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

Aracaju, 25 de junho de 2021 .

Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Apêndice V - Autorização de uso de imagem - Raissa Ribeiro Lima

**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO**

Eu, RAISSA RIBEIRO LIMA, portador do RG N° 2965208-1 e CPF N° 031.507.172-99, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 12 de julho de 2021.

*Raissa Ribeiro Lima*

\_\_\_\_\_  
Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_